O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesania da subjetivação humana*

VICTOR GUERRA**

Primeiramente, vou começar pela parte final do título dessa conferência, começarei falando sobre a artesania da subjetivação humana. Gosto da palavra artesania uma vez que traz consigo a alquimia da passagem do tempo. Não existe uma artesania realizada rapidamente. Nela, algo de uma espessura temporal deve estacionar, decantar e fazer seu trabalho. Um processo... um processo que é uma estranha alquimia entre diferentes elementos que vão, às vezes, se entrelaçando de forma aleatória.

Se entendermos a subjetivação como um processo aberto, de tornar-se sujeito, sabemos que é interminável e que é também uma encruzilhada repleta de certezas, mistérios, um pouco de casualidade, muita paciência e criação. Como uma artesania.

Frente a isto, gostaria de explorar dois caminhos com vocês: o ritmo e a musicalidade comunicativa, com a hipótese de que são dois elementos subjetivantes que dão sustento à palavra e à linguagem como a casa do homem.

Minha forma de explorá-los é também aberta e heterogênea. Não creio que o tema da artesania humana possa abarcar somente uma disciplina científica como a Psicanálise, mas que também deve pedir ajuda, deve deixar-se infiltrar por outros territórios: a arte, a literatura, a observação da vida cotidiana, etc. Por isto, uma de minhas referências é o biólogo-escritor Mia Couto (2009) e uma de suas tantas frases: *"o que me alimenta é o diálogo de interseção entre os dois saberes, biologia e literatura. O que me dá prazer é recorrer como um equilibrista essa linha de fronteira entre pensamento e sensibilidade, entre inteligência e intuição, entre poesia e saber científico"*. Desta maneira me faço cúmplice da visão de M. Couto e tentarei transitar num caminho entre o saber científico e a poesia.

O vínculo inicial

"As investigações dos últimos 40 anos sobre a comunicação desde o nascimento está sendo questionada em nossa cultura científica, reduzida em relação à psyche infantil. Ela mostra a evidência de uma consciência inata inscrita no

* Tradução: Psicóloga Inta Karina Müller

** Psicólogo e Psicanalista (APU), Pesquisador da relação pais-bebê.

corpo e operante na busca de um interlocutor humano vivente e imaginativo, colaborando na invenção de significações. Não se trata unicamente de cuidado e de regulação de emoções simples". C. Trevarthen[1]

A construção de um vínculo entre uma mãe e seu bebê pode ser vista como uma história de encontros e desencontros, de claridades e obscuridades, de harmonias e desarmonias. Inumeráveis trabalhos dão conta das vicissitudes destas histórias repletas de variações e de diferentes tonalidades musicais, como uma sinfonia inacabada, que sempre se reescreve, com cada novo filho. Entre as múltiplas vertentes que a compõe, o tema do ritmo parece ser um elemento fundamental. Mas o ritmo sugere fazer parte de um elemento fundador da condição de ser humano como sujeito da comunicação com o outro. Investigações atuais sobre a origem da linguagem fornecem elementos muito importantes em relação ao ritmo.

O investigador francês Jean Claude Ameisen (2014), investigando a possível origem da linguagem verbal, refere que "*os estudos da Academia de Ciências dos Estados Unidos e de investigadores da Alemanha e da Escócia, indicam que as mímicas dos lábios dos macacos Rhesus apresentam as mesmas oscilações de movimentos dos lábios, o* ***mesmo ritmo,*** *que os da língua humana, ao redor de seis movimentos de lábios por segundo".*

Estes trabalhos **"***sugerem que é no ritmo ancestral das oscilações das mímicas dos lábios dos primatas não-humanos, sobre o ritmo ancestral de suas expressões do rosto, que poderiam ter sido incluídas as vocalizações humanas, fazendo então aparecer o ritmo típico das alternâncias de vogais e de consoantes das línguas orais humanas".*

Esta experiência se repete em estudos realizados com bebês de quatro meses, que são especialmente sensíveis a um "*ritmo periódico de seis movimentos por segundo. Outros trabalhos sugerem que este ritmo de seis oscilações por segundo poderia, em nosso cérebro como nos dos primatas e na maioria dos mamíferos, ser um dos ritmos espontâneos que revestem a superfície do cérebro, o córtex cerebral".*

Desta forma, Ameisen (2014) conclui que ***"é possível que a evolução tenha favorecido uma ressonância entre o ritmo de algumas de nossas modalidades de comunicação e certos ritmos ancestrais de funcionamento do nosso cérebro".*** Isto mostraria que o ritmo é um organizador fundamental da vida psíquica e de desenvolvimento da linguagem e do pensamento, a partir de um encontro rítmico com o outro?

Então sigamos caminhando pela corda bamba do equilibrista e escutemos o que nos disse o poeta português Eugenio de Andrade (2011):

"Porque no início é o ritmo; um ritmo surdo, espesso, do coração ou do Cosmo - quem sabe onde um começa e o outro acaba? - Desprendidas ***não*** *sei de qual limbo, as primeiras sílabas surgem trêmulas, inseguras, tateando na escura escuridão, como procurando um tênue, difícil amanhecer. Uma palavra de súbito brilha, e outra, e outra mais. Como se umas às outras se chamassem, começam*

[1] Citado por F. Bisagni (2014). "Les sonorités du silence. Role de la musicalité dans la relation aux états autistiques". Cahiers Jungiens de Psychanalyse.

a aproximarem-se, dóceis: o ritmo é seu leito; ali se fundem em um encontro nupcial ou mal se tocam no intercâmbio de uma breve confidência quando ***não*** *se repelem crispadas de ódio ou aversão, para regressar à noite mais opaca".*

As palavras do poeta nos permitem atravessar os terrenos áridos da ciência para introduzir o ritmo também em uma perspectiva psicanalítica em relação à sexualidade e o desejo. O ritmo é o "leito" por onde as palavras circulam e se fundem em um encontro nupcial. Unir as palavras pode ser um ato de amor, guiado pela força de Eros e pela pulsão que busca sua descarga no contato com o outro.

Os aspectos interativos da experiência rítmica subjetivante podem ser apreciados desde o início da vida nos encaixes próprios da experiência com o peito, na forma em que a mãe toca seu bebê, o acaricia (Diaz Rossello, 1991), conversa com ele, entra em sincronia (Bernardi, 1986), tolera a retirada dele nos jogos cara a cara (Stern 1971) e na apresentação dos objetos que capturam a atenção do bebê.

A musicóloga M. Gratier (2001) também assinala que: "*o ritmo compreende uma forma de repetição, mas está pautado pelo que chamamos "ritmo expressivo" que contém uma parte de irregularidade e de improvisação conjunta, tal como dois músicos de jazz em processo de improvisar".* Esta autora fala também dos *"ritmos da intimidade" (2007a)* baseada em parte na "musicalidade comunicativa do bebê", que autores como C. Trevarthen e S. Malloch desenvolveram, demonstrando as competências perceptivas "musicais" notáveis do bebê.

"Atualmente se admite que o bebê possua predisposições comunicativas e "protomusicais" que sustentam os vínculos de apego biológicos com a mãe e os vínculos com a cultura de origem, transmitida através das palavras, os cantos e as técnicas do corpo da mãe e dos cuidadores."

"A musicalidade comunicativa se definirá por três dimensões importantes: ***1) a pulsação****, que é a sucessão regular de unidades comportamentais no tempo e isto representa um processo de criação do futuro permitindo ao sujeito antecipar os eventos que virão,* ***2) a qualidade,*** *constituída pelos contornos de gestos vocais e corporais que dão forma ao tempo em movimento,* ***3) a narratividade*** *da experiência individual e a de "estar com" é constituída a partir de unidades da pulsação e da qualidade que se encontram nos gestos co-criados e na forma que se inserem para formar as seqüências afetivas e expressivas." (Gratier, 2011)*

Como assinala a autora, esta articulação entre "ritmos de intimidade" e "musicalidade comunicativa" está no coração da constituição subjetiva do bebê, tanto no plano normal como no patológico. Para isso, seria necessário revisitar, por exemplo, a experiência das canções infantis e sua musicalidade, desenvolvidas por M. Altman e col., e as investigações de M. C. Laznik e o projeto PREAUT tanto sobre a detecção, como no tratamento de bebês em risco de autismo.

Pessoalmente, faz mais de 25 anos que me dedico ao campo de observação do vínculo pais-bebê e à realização de consultas terapêuticas vinculares, o que me levou sempre a repensar a pergunta: como participa o outro no processo de subjetivação do bebê? Como se co-constrói a intersubjetividade e como intervir quando observamos dificuldades importantes, o que nos abre ainda mais a

reflexão sobre este tema fundamental da Psicanálise de crianças, que é a participação dos pais no tratamento das mesmas.

Todos estes elementos me levaram a estabelecer a hipótese de uma série de "Indicadores de Intersubjetividade no primeiro ano de vida", elementos que formariam parte de uma estrutura primária do vínculo, base do que poderia ser a autonomia psíquica do bebê, a capacidade de brincar e simbolizar. Isto faz parte de uma pesquisa que foi subvencionada pela IPA e que me permitiu realizar um filme no qual tratamos de mostrar os 11 pontos desta grade (Guerra, 2014). Nesta ocasião, vou apenas desenvolver um ponto. As chamadas "Protoconversações" que aparecem claramente a partir dos três meses do vínculo com o bebê, onde se pode apreciar o papel do ritmo e da musicalidade comunicativa, especialmente no terceiro exemplo.

Protoconversações

Seria a experiência pela qual o bebê começa a intercambiar sons com a intenção de comunicar-se. Geralmente aparecem nos momentos dos "Jogos Cara a Cara", quando a mãe coloca seu bebê perto de seu rosto para poder intercambiar diferentes formas de comunicação. Descritas por Trevarthen (2004) e presentes nos "Jogos Cara a Cara" (Stern, 1977) e nas condutas de "controle intersubjetivo" depois dos três meses, em que o bebê atua e observa para ver o efeito produzido, desenvolvendo uma "consciência comum".

FILME DE UMA BEBÊ "CANTANDO" COM SUA MÃE

Neste caso, os intercâmbios sonoros mãe-bebê são os que cobram primazia no encontro.

Em um filme de uma bebê que está sendo amamentada, no primeiro semestre de vida, vemos que seu olhar parece estar "preso" no rosto da mãe, que fala com ela. A menina está unida no encontro com sua mãe *através de sua boca que mama o peito materno, pela sua mão esquerda que toca a pele de sua mãe e seu olhar, sua atenção fortemente presa no olhar materno e em suas vocalizações. A mãe fala com ela docemente e emite repetidamente uma pergunta: está bom este mamá?.....está bom?....siiiimm?... Depois de deixar este espaço em branco parece que a bebê captou que é sua vez na conversa e emite um prolongado "ahhhhh!" enquanto retira sua boca do peito e sua mão da pele da mãe. Parecem estar unidas agora pela atenção mútua e pelas vocalizações que vão de uma à outra. A mãe retoma as vocalizações de sua filha e as imita ou as amplia, configurando uma espécie de "canto a duas".*

Em um momento a mãe faz uma variação nesta "conversa", repetindo várias vezes: "he,he,he,he,he,heeee....". A bebê faz um movimento no rosto, levanta suas sobrancelhas e a mãe lhe diz: ah, que surpresa!... que surpreeesa!.... encontrei uma bebê linda no meio do camiiiinho". A bebê se atira um pouco para trás e parecia responder movendo seu braço esquerdo para frente, a mãe pareceu captar isto, porque lhe disse: "siiiiimm, encontrei uma bebê liiiiinda!"Logo a bebê lhe responde com um prolongado "ahhh" e a mãe

também, reforçando um encontro impactante cujo cenário é agora a paisagem vocal que co-constroem."

O que inicialmente chama a atenção são as impactantes variações sonoras que, como um diálogo musical, demonstram a espessura afetiva desta relação. A bebê parece unida à sua mãe por três elementos: seu olhar (com atenção concentrada), sua boca (pela alimentação) e sua mão (que toca o seio). Pareceria como se o encaixe ao corpo materno se realiza desta maneira para iniciar uma viagem na interação. A mãe, em um momento, começa a repetir ritmicamente uma frase pulsante como o estribilho de uma canção: "que bom está este mamá". Repete ritmicamente, de diferentes maneiras, sua frase-melodia e isto parece cativar a sua bebê, que de maneira surpresa e criativa deixa de alimentar-se, retira sua boca do seio e olha fascinada para sua mãe, passando a interagir em um jogo sonoro que co-cria com a mesma. A união deixa de ter uma raiz fortemente corporal, para passar a estarem unidas pelo som de suas vozes que parecem tocar-se na superfície do encontro.

O ato nutritivo da alimentação biológica dá um salto qualitativo. A nutrição agora é psíquica, intersubjetiva e mútua. As vocalizações da bebê viajam e dialogam com a de sua mãe e desde este encontro surge a melodia rítmica da díade, com margens de repetição e de improvisação como um dueto de músicos de jazz (Gratier, 2001).

Salto qualitativo, expressão de um encontro intersubjetivo que se inscreverá como uma das bases dos processos de pensamento. O bebê se desapega do concreto e cria outra forma de experiência a partir da voz, prólogo da palavra como ferramenta de encontro simbólico entre os seres humanos. Isto confirmaria algo do que dizíamos no início deste trabalho, citando a Golse: uma das formas que tem o ser humano para fazer nascer a intersubjetividade é através da música do encontro e do diálogo dos ritmos. E este ritmo que se estabelece leva, segundo este autor, a pensar nos intercâmbios afetivos de uma maneira dinâmica e porosa, tal qual ilustra a pintura de P. Klee "A virgem e o menino".

Golse (2006) refere que ao apreciarmos a pintura chama a atenção *"as linhas que parecem construir o corpo do bebê e que também envolvem o corpo da Virgem. Podemos imaginar que estas linhas circulam tanto o exterior como o interior dos dois corpos. Esta pintura seria a metáfora da comunicação no início da vida. O bebê é pensado com uma abertura ao mundo, mais ou menos grande e complexa, na qual o contato não é o envelope corporal, mas um movimento incessante das linhas que reúnem o exterior e o interior. Esta ideia nos afasta de um invólucro imóvel que protege como para-excitação".*

Esta sutil análise de Golse da pintura como metáfora da interação mãe--bebê, nos serve também para pensar a interação que descrevíamos entre a bebê e sua mãe, que se "encontrariam" nas linhas sonoras de suas vozes**,** como movimento incessante de abertura até o outro, base da subjetivação. Isto abrirá espaço para o valor da linguagem tanto como ferramenta de comunicação, como também de simbolização.

Ritmo e integração das polissensorialidades

Estes exemplos não são somente uma referência explícita à musicalidade do encontro, mas permitem ao bebê viver uma experiência de integração polissensorial. A potencialidade comunicativa de um bebê, como uma forma de "apetite de sociabilidade" encenado no teatro de seu próprio corpo, como disse Trevarthen, numa sensibilidade rítmica e na importância das polissensorialidades.

A partir de uma perspectiva psicanalítica, a experiência de observação de bebês pelo método Bick fornece uma contribuição fundamental para poder indagar este campo das polissensorialidades. Em seu trabalho pioneiro de 1968, Bick mostrava a importância de apreciar as preferências sensoriais dos bebês observados.

Desde as contribuições dos pós-kleinianos, a sensorialidade vem ocupando um lugar de preponderância, com autores como D. Meltzer e F. Tustin no campo de trabalho com crianças autistas e também um autor como T. Ogden e suas contribuições sobre o que ele denomina "Posição autista - contígua" na qual a articulação da sensorialidade e o ritmo são fatores prioritários de construção subjetiva e de abordagem analítica.

Por sua vez, Haag (2004) trouxe contribuições notáveis sobre esta questão em relação às crianças autistas. Ela assinala: *"Como poder compreender que os extremos se fixem no autismo em relação ao vai e vem apoiado nos intercâmbios rítmicos, que permitem modular todos os registros sensoriais incluída a cinestesia, o tônus e a motricidade? A hipótese que fiz e que não foi formulada por Tustin, é que frequentemente por causa de experiências pré-natais e especialmente em futuras crianças autistas, as ritmicidades motoras, e aquelas do canto e da dança, estiveram perturbadas inicialmente, e que certos bebês futuros autistas, sobretudo aqueles que nascem anoréxicos, se são mais fechados, perderam sua primeira ritmicidade".*

Esta autora nos mostra em sua ampla experiência de trabalho com crianças autistas, que **uma possível função do ritmo é a de *modular todos os registros sensoriais*,** e que uma falha na instauração da ritmicidade (mesmo que concordemos ou não com a causa da mesma) marca uma forma de disritmia potencialmente patológica.

Golse tem assinalado toda uma série de ideias em relação à sensorialidade, a partir da alternância do mantelamento-desmantelamento e sua relação com os processos de atenção do bebê. O autor assinala que a partir da experiência que Meltzer descreveu, de "atração consensual máxima", durante a alimentação ao peito, o bebê teria a oportunidade de viver uma experiência de integração das polissensorialidades que se organizam a partir do ato de amamentação, da atenção e do ritmo que estabelece com sua mãe. Golse (2006) insiste na importância dos precursores corporais da linguagem: *"cada modalidade sensorial reconhece uma organização rítmica compatível com as outras modalidades sensoriais, compatibilidade que deveria ser fruto de uma harmonização ou sintonização progressiva das interações (é esta noção de compatibilidade rítmica que nos permite, em uma escuta musical, entender diferentes instrumentos simultaneamente e distingui-los dos outros)."*

O próprio Golse faz uma correlação entre a relação existente entre o bebê e as modalidades sensoriais, com a escuta musical.

Como também vimos sustentando neste trabalho, muitas vezes os artistas nos brindam com pistas destas mesmas experiências no que se refere aos processos de criação. E é por isto que sustentamos que há uma mútua fertilidade e variados graus de correspondência entre o que nos brinda a observação e teoria da subjetivação do bebê e os processos de criação dos artistas. Por exemplo, o poeta Amado Alonso (1986) nos forneceu uma frase muito interessante sobre a função do ritmo na poesia em relação à polissensorialidade.

"O ritmo é de natureza emocional e deve-se considerá-lo como um produtor. Mas o ritmo não é mera descarga e deságüe da emoção, é estrutura... diríamos que o ritmo é o prazer de ir organizando temporalmente elementos sensorialmente perceptíveis. O prazer de criar uma estrutura". (Alonso, 1986)

Poderíamos utilizar esta frase sobre o papel do ritmo na criação de um poema com a subjetivação do bebê: como em um poema, o ritmo que co-criam a mãe e o bebê, forma parte de um prazer de ir organizando a temporalidade e as polissensorialidades do bebê, e desta forma co-construindo parte da estrutura psíquica deste bebê. Devemos lembrar das contribuições de autores como Houzel (2011), Golse (2011) e Larban Vera (2013) em relação a uma das tarefas fundamentais do bebê, que é a de organizar e co-ordenar seus diferentes fluxos sensoriais e, para isto, o encontro rítmico, atencional e narrativo com o outro é fundamental.

Partimos da base de uma sensorialidade inata do bebê que une o interior e o exterior pela intermediação dos órgãos sensoriais e pelas excitações que recebe e que lhe geram sensações (Granjon, 1990). Esta sensorialidade primitiva configuraria fluxos sensoriais (Houzel, 2011) a princípio indiferenciados. As excitações se farão diferenciadas, coordenadas e integradas entre outras coisas, pelo papel do outro subjetivante, que ao refletí-las, espelhá-las e traduzí-las, possibilitará que se gere uma "ritmicidade conjunta" no vínculo. Ritmo que funcionará como organizador destas polissensorialidades (Golse, 2011). Ou seja, seria a ritmicidade do encontro com o outro (intersubjetividade) um dos fatores que possibilitaria, junto aos recursos próprios, a vivência de integração do self (subjetivação) e o acesso à intersubjetividade.

Ritmo e lei materna

Mas a pergunta segue aberta, como se estabelece esta ritmicidade do encontro? E como incide nos processos patológicos? Para isto, inspirado em R. Roussillon proponho trabalhar a hipótese de uma Lei Materna.

R. Roussillon, em seu livro "*Paradoxos e situações fronteiriças da Psicanálise"* (1995) faz uma análise notável do ritmo na vida psíquica e na obra de Freud, especialmente no "Projeto para uma Psicologia Científica" com o conceito de "*período"*. Ao falar do traumatismo psíquico diz que: "*o traumatismo psíquico, a dor, vai ser pensada como um fracasso desta solução de socorro. Sua característica é a disritmia".* E passa a falar de uma possível "*lei do ritmo biológico"*,

e refere especificamente: "*Poderíamos antecipar que se trata da lei materna, lei do respeito do ritmo próprio* tão faltante n*as patologias narcisistas".* E insiste em pensar: ***"o traumático como efeito de uma disritmia, de um não respeito da lei biológica, do ritmo próprio do sujeito".***

Esta frase me surpreendeu, me impactou porque abriu um leque de hipóteses... Sabemos das contribuições da teoria lacaniana em relação à fundamental lei paterna como marca de separação e possibilidade de que a criança possa ter acesso ao seu desejo, e a mãe à incompletude. Então porque não pensar com Roussillon (1995) que dialeticamente opera uma lei materna? Sei que é um ponto polêmico falar de uma lei materna, mas considero que seja uma forma (através de processos empáticos) de regular (como faz toda lei) algum aspecto do funcionamento do sujeito, para possibilitar a convivência com os outros. E a "lei materna do encontro" é para mim um princípio organizador da vida afetiva com o bebê como sujeito incipiente, que muitas vezes se encontra severamente distorcido nas patologias precoces que tenho mencionado.

Como isto acontece na clínica infantil? O próprio Roussillon (1995) dá uma pista quando fala da apropriação egóica por parte da criança: "É o *ritmo próprio da criança,* ***o respeito pelo seu tempo*** *o que vem a estimular esta apropriação egóica. Em um ritmo muito* rápido, *a criança se sentirá destituída, liquefeita, inconsistente, enfrentando uma angústia de esvaziamento, de evacuação, poderia então trans-formá-las sobre si em uma defesa paradoxal, ao invés de pensá-las. Em um ritmo muito lento, a experiência perderá seu sentido, seu valor e sua vida, e o objeto intermediário se perderá na noite do tempo, mobilizando angústias de perda de objeto e de abandono. "*

Em minha vasta experiência de trabalho analítico com estas "apresentações" [2] precoces graves, prefiro nominá-las como **"Transtornos de subjetivação arcaica",** quando haveria um desencontro primário dos ritmos, território da disritmia, que tem efeitos desestruturantes na subjetivação e determina em parte o "acesso da lei paterna".

Isto se uniu às minhas próprias reflexões sobre a função do ritmo na vida psíquica e a importância que ocupam as mais distintas posições teóricas dos autores: Bernardi,R., Schkolnik,F, Diaz Rossello,J.L. (1984), B.Golse (2006), D.Marcelli (2000), A.Ciccone (2005), G.Haag (2004), H. Maldiney (1974),R. Prat (2007),D. Thouret (2004), S.Missonnier (2007) ,A. Brun (2007).M.Goldbeter (2010), N. Abraham y Torok (1987),M. Gratier (2001),C. Tervarthen (2005), I. Cabanelas, Eslava, J. Eslava, C. e Polonio (2007), etc.

O ritmo seria um dos primeiros organizadores do encontro intersubjetivo, base do surgimento do bebê como ser humano. O "respeito pelo ritmo próprio do sujeito" seria o que permitiria um segundo ponto fundamental que é a "co-criação"

[2] Utilizo o termo "apresentação" do caso que recebemos, porque seria a forma que a criança e seus pais transmitem e apresentam seu sofrimento. Além disso, o aspecto evolutivo é de suma importância uma vez que sendo a subjetivação infantil um "processo em gerúndio", o tempo aberto de sua subjetivação antes da "estruturação" da latência, abre uma maior possibilidade e permeabilidade de mudança.

de um ritmo em comum. Mãe-bebê, pai-bebê, vão conformando um ritmo em comum, como uma música necessária e fundadora na dança da subjetivação. Dança que tem como instrumento central a comunicação e a linguagem corporal.

Meshonic (2009) nos relembra o papel decisivo do corpo: "é o co*rpo que fala. Um gesto, uma postura, uma expressão particular, uma mímica, uma voz, uma entonação, seja qual forem as variáveis. Falamos com as mãos, com o rosto".*

É esta comunicação básica, parte do necessário "compartilhar estético e emocional" (Roussillon, 2004), que habilitará as primeiras formas de "simbolização em presença" (Roussillon, 2010). Experiência fundadora que possibilitará a elaboração da ausência e o acesso à representação do objeto. Mas esta experiência rítmica subjetivante é a possibilidade também de criar uma própria língua. Uma língua primária, território do "infans" que relatou Pontalis (2008), (que precede à "tirania das palavras"), da qual somos exilados (Gomez Mango 2009), e à qual retornamos, por exemplo, nas cenas de amor, da paixão, da arte, da análise e do contato com um bebê.

Este ritmo em comum que chamamos "ritmicidade conjunta" irá pulsando os pares dialéticos, presença-ausência, continuidade-descontinuidade, articulados com a palavra. Como disse a escritora Hustvdet (1999):

"Não se pode ter presença sem ausência e a própria linguagem nasce deste ritmo. As palavras podem interpelar aquilo que falta. Onde habitam as palavras se não em uma zona situada entre presença e ausência? ...".

A esta zona *entre presença e ausência,* a autora denomina *"entre-idade"* e ali a palavra é companheira inseparável do ritmo no processo de subjetivação. "Nascemos para a vida psíquica" (Ciccone, 2005) em um encontro de ritmos que se abre à significação nascente da palavra.

Retomando estes conceitos como ponto de inspiração, sugiro e amplio a ideia de que a **"Lei ou Função Materna"** estaria formada de pelo menos três elementos:

1. Respeito pelo ritmo próprio do sujeito (adequação aos tempos do bebê) e co-criação de um ritmo em comum.
2. Espelhamento, tradução e transformação de suas vivências afetivas[3].
3. Abertura à palavra, ao jogo e à terceiridade.

1) O primeiro ponto já venho desenvolvendo ao longo deste trabalho, e ampliaria a contribuição de Roussillon, destacando não somente o tema do ritmo do sujeito, mas também a necessária co-criação de toda uma série de encontros em que se abre a polissemia criativa do ritmo. Por exemplo, no que se refere especialmente aos momentos lúdicos e os ritmos de cuidado.

2) Espelhamento, tradução e transformação das vivências são condições essenciais e fundadoras da constituição subjetiva. Sobre o "espelhamento" já conhecemos as grandes contribuições, por exemplo, de Winnicott (1971) a este respeito. Mas Green (1984) nos fornece algo fundamental sobre o papel do espelhamento dos afetos, tarefa que efetua quem cumpre a função materna na presença direta com o bebê.

[3] Conceitos especialmente desenvolvidos em um trabalho anterior (Guerra, 2012).

Green assinala: "Esta reação em espelho dos afetos da criança e da mãe, me parece que vai mais longe do que costumamos chamar como projeção. É a noção *de dupla simétrica e complementária,* ***fundadora de uma simbolização primária****, como se cada parte do* símbolo aguardasse *a resposta da outra para que se pudesse criar um terceiro termo, unicamente constituído pela tentativa de re-união consecutiva à separação"..*

Creio que as palavras de Green ilustram um tempo de simbolização primária que podemos entender não somente como uma reação, mas também como uma forma de metabolização dos afetos desde o ângulo da complementaridade, que não seria possível teorizá-lo unicamente a partir do conceito de projeção ou identificação projetiva..

Sobre a tradução ou a **"função tradutora",** podemos pensar que quem se encarrega do cuidado de um bebê, desde o amanhecer da subjetivação, e na medida em que possa estabelecer uma ligação libidinal com ele, tratará de dar um sentido aos gestos corporais que ele emite.

Ali se instala tanto a **"violência da interpretação"** (Aulagnier, 1988)**,** como o **"prazer da tradução".** Entendo que a mãe ao encontrar-se com seu bebê tem uma necessidade de construir uma língua própria, exclusiva, e depois deve abrir espaço aos outros e abandonar. (Bollas).

Por outro lado, este prazer do **"trabalho de tradução"** possibilitará tramar um prazer de contato, una verdadeira "estética da subjetivação" que lhe permita tolerar a "violência do arcaico". (Guerra, V. 2013) Violência entendida em relação à mãe (ou para quem cumpra sua função) para poder estabelecer um vínculo com o bebê, deve "desalojar" seu self adulto, abandonar seu ritmo de vida comum, e revisitar suas experiências infantis, sua forma de comunicação primária, "infans" que a expõe a diversas sensações de fragilidade, incerteza e vulnerabilidade. ("regressão de ligação"). O prazer de tradução seria aquele que pudesse conhecer, entender, ter a ilusão de um "saber único" que mantém junto ao pai (no melhor dos casos), em relação ao seu bebê. Mas por que traduzir? O que se busca com isto? Que efeito pode ter sobre o bebê? Para tentar responder a estas questões buscaremos as palavras de Susan Sontag (1993).

"Originalmente (pelo menos em inglês), a palavra tradução ("translation") versava sobre a maior diferença de todas: a diferença entre estar vivo e morto. Traduzir é, no sentido etimológico, transferir, deslocar, transportar. Com que finalidade? Com a de ser resgatado da morte ou da extinção".

Desta maneira podemos pensar que o bebê tem necessidade de ser traduzido para fazer uma passagem, um deslocamento do corpo biológico à significação erógena da vida psíquica, e assim compartilhar códigos de intercâmbio simbólico com os outros. O "estilo tradutor" de cada mãe nos falará de sua própria história e qual lugar ocupa este bebê em seu mundo fantasmático.

Hochmann (1994) tem contribuições muito interessantes a este respeito, quando refere que a *réverie* materna é uma instância metaforizante. E que a mãe faz um **trabalho de tradução** quando se dedica a metaforizar as produções vocais, gestuais ou excretórias de seu bebê, também para incluí-las em sua fantasmática pessoal,

seja qual for. Este trabalho de tradução parece ter três características: se organiza em um relato; está destinado a um terceiro; e é fonte de um prazer especifico.

a) As palavras que a mãe coloca sobre os atos do bebê não são um simples léxico, uma decodificação termo a termo. Estão unidos por uma sintaxe, formam parte de um relato. (pág.42) b) O relato que a mãe realiza é dirigido ao outro. Hochmann assinala que o destinatário do relato não é somente o bebê, mas também um terceiro, mesmo este não estando presente no momento. *c)* Sem dúvida que o prazer que a mãe produz, especialmente quando seu relato tradutor gera um efeito de acalmar o bebê, é um prazer de ordem libidinal. Como refere Hochmann*: "o relato interior da réverie coloca entre o bebê e a mãe um filtro protetor, uma sublimação originária que se exerce em total desconhecimento da natureza sexual desta experiência". (pág. 44)*

E neste aspecto da suspensão do prazer direto, definido na produção de um relato ao prazer que o outorga, Hochmann (1994) denominou ***"auto-erotismo mental".*** *E o define como: "Por auto-erotismo mental entendo algo da ordem do que Evelyn Kestemberg chamava de um prazer de funcionamento, um prazer do aparelho psíquico em vias de produzir pensamentos". (pág. 44)* Seria o prazer calmo e tranquilo que surge também de ir comprovando a capacidade de consolar-se do bebê.

Por sua vez, todo este "trabalho de tradução" seria implicitamente uma **experiência de transformação,** no sentido que refere Ch. Bollas (1991). Para ele, "*a mãe é experimentada como um processo de transformação e este aspecto da existência humana sobrevive em certas formas de procura de objeto na vida adulta, em que este é solicitado pela sua função de significante de transformação"* (pag. 30). E Bollas coloca dois argumentos para demonstrar como a mãe é experimentada como um "objeto transformacional": *"Em primeiro lugar, ela toma sobre si a função do objeto transformacional porque altera o ambiente da criança para ir ao encontro de suas necessidades. Em segundo lugar, também as emergentes capacidades egóicas da criança – em movimento, percepção e integração - transformam seu mundo. Talvez a aquisição da linguagem seja a transformação mais significativa, mas aprender a manejar objetos e diferenciá-los, e lembrar-se de objetos que não estão presentes, são conquistas transformacionais, porque seu resultado é uma mudança egóica, que altera a natureza do mundo interior da criança" (pág. 31).*

Assim, desde esta perspectiva, a capacidade de transformação é condição "sine qua non" para a construção dos processos de simbolização do bebê, que para isto conta com a contribuição subjetivante materna que ao ir traduzindo e significando seus gestos e necessidades, vai transformando o mundo interno do bebê, como também a crescente representação de si mesmo e do mundo. Tudo isto mostra o valor da palavra e do movimento representacional na constituição subjetiva e abre lugar ao terceiro elemento da "lei materna do encontro", que é **a abertura ao terceiro.**

3) Abertura à palavra, ao jogo e ao **terceiro.** Este aspecto da abertura ao terceiro não implica somente numa forma de expressão do cenário do desejo materno e de seu atravessamento pela castração, mas também implica que ela permita concretamente que o pai e outros possam ocupar o espaço do bebê e que ela aceite sua incompletude. Junto a isto incide um aspecto fundamental, que seria a presença de "objetos terceiros" que pré-anunciam a presença e a função do pai. Refiro-me ao papel do jogo, com a introdução de diferentes objetos, que denomino

"objetos tutores", que se tornam depositários e "testemunhas" da evolução pulsional do bebê e da mãe (Guerra, 2010). Já não é o corpo materno a zona privilegiada de contenção e prazer do bebê, nem tampouco o próprio corpo do bebê através de seu auto-erotismo, mas sim o deslocamento que a libido busca no espaço, os brinquedos, o espaço transicional, que une e separa a mãe do bebê. Desta forma, a disposição lúdica materna tece uma forma de *interdição*. Ao introduzir brinquedos e/ou a elaborar jogos compartilhados como o "jogo de esconde-esconde", a mãe transmite ao bebê que ela já não é toda para ele e que há um horizonte libidinal mais além do seu corpo e de sua presença.

Denomino esta gama de experiências fundadoras como "Interludicidade" ou a disponibilidade de compartilhar uma experiência lúdica que ambos co-criam, desde a qual se entrelaçam: encontro intersubjetivo (o compartilhar afetivo), prazer libidinal, criação e interdição. (Guerra, 2014) E é este território que necessita também mais espessura para a entrada do terceiro (pai).

Finalmente desejo aclarar que a "lei materna" formaria parte de um diálogo e ressignificação permanente com o que se tem referido classicamente como a Lei ou Função Paterna (transmissão da proibição do incesto, da diferença das gerações e dos sexos, etc.). Proibições estruturantes, geradoras do trabalho de representação e deslocamentos próprios do tornar-se subjetivo.

Definitivamente estamos falando de como a mãe tem incorporado o lugar do terceiro em sua mente, em relação ao desejo pelo seu bebê. Se a participação direta do pai no mundo pulsional do bebê é algo de suma importância, devemos categorizar aqui o lugar do terceiro no desejo da mãe, em como ela abre o horizonte libidinal do filho para um terceiro espaço, representado pelo pai.

OBSERVAÇÃO

Para representar alguns destes aspectos teóricos, detalharei uma observação espontânea que realizei na sala de espera de um consultório pediátrico. Encontravam-se ali quatro mães com seus bebês de diferentes idades, um deles de aproximadamente 10 meses, se mostrava muito atento às *coisas e inquieto..*

A mãe levanta com ele em seu colo e começa a percorrer o espaço de forma rítmica, como se estivessem suavemente juntos. Disse-lhe em algum momento que ele estava esperando o papai e que ele já viria. O bebê parece compreendê-la e sorri. Depois de uns dez minutos chega o pai e a mãe entrega o bebê a ele, que começa a brincar colocando o bebê sobre suas pernas, fazendo-o saltar um pouco, repetindo: "opa...opa...opa". Parecia ser uma brincadeira já conhecida porque se percebe que o bebê a antecipa. A mãe sentada ao lado deles os olha encantada...

Num momento, o pai para a brincadeira e se dirige a um lado da ampla sala de espera, perto de um elevador, onde havia um pequeno espelho. Começa a brincar de esconde-esconde com seu filho. O aproxima e o afasta do espelho, primeiro lentamente e logo com mais intensidade, estando muito atento às expressões do rosto do seu filho. Parecia que o bebê se queixava pelo ritmo rápido e o pai então parou, dizendo a ele algo que não consegui escutar e retomam a brincadeira de forma mais lenta. É evidente que se divertem muito.

A mãe, sentada na minha frente, olha a cena com ternura e orgulho. A brincadeira tem algumas variações rítmicas e canções do pai para com o filho, depois de uns minutos voltam para onde estava a mãe, que diz ao bebê: "viu como o papai sabe brincar contigo!!!!...siiiimmm!!!! estava divertido !!!!" O bebê sorri, os olha (e eu me emociono...).

Poderíamos categorizar muitos elementos desta experiência, mas neste caso quero ressaltar que o ritmo do diálogo corporal era diferente entre eles. O ritmo do pai era mais intenso e inconstante, e o ensaio do fort-da deu-se com ele.

Um ponto fundamental é o de que é a mãe quem habilita a entrada do pai em seu discurso corporal e verbal. Diríamos que a "lei materna" nesta situação sustenta a ambos e ambos respeitam o ritmo do bebê, mas é mais o pai quem co-cria um ritmo lúdico com um objeto do espaço. E é a mãe quem abre lugar ao terceiro através da brincadeira e da palavra. Assim ela mesma "interdita" seu lugar de completude em relação ao seu filho e vão vivendo nos encontros das "leis subjetivantes". (Guerra, 2015).

Para finalizar poderíamos dizer que a reflexão sobre a instauração de processos normais e patológicos no ser humano é como uma rede de significações policromáticas, aberta às circunstâncias da vida e aos aspectos constitucionais em jogo. E é por sua vez um convite permanente a revisitar as teorias, para que elas mesmas cumpram sua função de iluminar parcialmente as zonas escuras do ser e tornem-se artesanias sensíveis da alma humana.

Referências

Abraham, N. et Torok, M. (1987). "L'Ecorce et le Noyau". Ed. Flammarion.

Alonso, A. (1986). Matéria y forma en poesia. Madrid: Editorial Gredos.

Alvarez, A.(2005). "Compañia viva". Ed. Biblioteca Nueva.

Ameisen, J.C. (2014). "Sur les epaules de Darwin". Paris: Ed. L.L.L.

Andrade, E. (2011). "Prosa". Lisboa: Ed. Modo de ler.

Aulagnier, C. P. (1998).La violência de la interpretación. Del pictograma al enunciado. Buenos Aires: Amorrortu.

Bernardi, R., Diaz Rossello, J.L., Schkolnik, F. (1986). "Ritmos y sincronias en la relación madre-hijo". Revista. APU 61.

Bollas, C. (1991). La sombra del objeto: Psicoanalisis de lo sabido no pensado. Buenos Aires: Amorrortu.

Bonifacino, N. (2014) "Avatares del devenir sujeto. Clinica psicoanalítica con tempranos". Rev. APU. 119. Montevideo.

Brun , A. (2007). "Médiations thérapeutiques et psychose infantile". Ed. Dunod.

Cabanellas, I., Eslava, J., Eslava, C., Polonio, R. (2007) "Ritmos infantiles. Tejidos de un paisaje interior". Ed. Octaedro.

Ciccone, A.(2005). "L'expérience du rythme chez le bébé et dans le soin psychique". Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence. Vol. 53, Nº 1-2.

Ciccone, A. (2007). "Rythmicité et discontinuité chez le bébé", chez Ciccone, . et Mellier,D.(2007) "Le bébé et le temps". Ed. Dunod.

Couto, M. (2009). "E se Obama fosse africano? Ensaios". Ed. Companhia das Letras.

Cuore, L.(2013). "Reflexiones sobre el trabajo clínico". Presentado en la XXII Encuentro Interregional Fepal. "Función Paterna, declinaciones, transformaciones". Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Diaz Rossello, J., Guerra, V. Rodriguez, C., Strauch, M., Y Bernardi, R. (1991). "La madre y su bebe: primeras interacciones". Ed.Roca Viva.

Freud, S. (1923). “Mas alla del principio del placer” T. XVIII. Ed. Amorrortu.
Garbarino, H. (1986). “Estudios sobre Narcisimo”. Ed. Asociación Psiconalítica del Uruguay .
Goldbeter, M.(2010). “La Vie socillatoire. Au coeur des rythmes du vivant”.Ed.O. Jacob.
Golse, B. (2006). “L’être bebe”. Ed. PUF.
Golse, B. (2010) “Proyecto Pile”. Pag.psinem. Hospital Necker d´enfants.Paris.
Gomez Mango E. (2009). “Un muet dans la langue”. Ed. Gallimard.
Gratier, M. (2001). “Harmonies entre mère et bébé”. En Revue Enfances et Psy, 1,n° 13.
Green, A. (1984) . “La realeza pertence al niño”, em “ Winnicott”. Ed. Trieb.
Guerra, V. (2007). “Le rhytme entre la perte et les retrouvailles”. Revue Spirale 4, nº 44. Ed. Eres.
Guerra, V. (2010). “Papel de los objetos en el proceso de simbolización: los objetos tutores”. Inédito.
Guerra, V. (2013). “El complejo de lo arcaico y la Estética de la subjetivación”. Inédito.
Guerra, V. (2014). “Indicadores de Intersubjetividad 0-12 m. Del encuentro de miradas al placer de jugar juntos”. Video documental. A.P.U. Comité Outreach de la I.P.A.
Guerra, V. (2015). “El ritmo y la ley materna en la subjetivación y en la clínica in-fantil”. Rev. APU. 120. p. 133-152. Montevideo.
Haag, G.(2004). “Temporalités rythmiques et circulaires dans la formation des représentations corporelles et spatiales au sein de la sexualité orale”. Colloque autour du: “Enjeux pour une psychanalyse contemporane”. A. Green.
Hughton, L.(2003). “Vida y cartas de J. Keats”. Ed. Pre-textos.
Hustvedt, L.(1999). “En lontananza”. Ed. Circe.
Larban Vera, J. (2014). “Vivir con el autismo”. Ed. Octaedro.
Liscano, C.(2001). “El furgón de los locos”. Ed. Planeta.
Maldiney, H.(1974). “Regard, espace, parole”. Ed. L’Âge d’homme.
Marcelli, D. (2000).“La surprise: chatouille de l’âme”.Ed.A. Michel.
Meschonic, H.(2009). “Dans la bois de la langue”. Ed.l. Teper.
Meltzer, D y Harris, M. (2000). “La aprehensión de la belleza”. Ed. Grupo Cero.
Missonnier, S.(2007).“Naître.basse continue et syncopes”. Revue Spirale, n° 44/4. Ed. Eres.
Ogden, T. (1994). “La frontera primaria de la humana experiencia”.Ed. J. Yebenes.
Pereira da Silva, M. (2013). “Uma paixão entre mentes: a função narrativa”. Revista Brasileira de Psicanálise, Vol. 47 (4).
Pontalis, J.B. (2008) “Eloge de l´infans et la pensée revante”, en Wald Lasowski,A. (2008) “Pensées pour le nouveau siécle”. Ed. Fayard.
Prat, R. (2007). “Le rythme dans la peu”. Revue Spirale, n° 44/4. Ed. Eres.
Press, S. (2014). “La Sexualidad en la Constitución del Sujeto Psíquico y sus fracasos. Pensando los Trastornos del Espectro Autista”. Rev. APU. 118. Montevideo.
Roussillon, R. (1995). “Paradojas y situaciones fronterizas en psicoanálisis”. Ed. Amorrortu.
Roussillon, R. (2004). “La dependance primitive et l´homosexualité primaire en doublé”. Revue Francaise de Psychanalyse. LXVIII. No. 2. Ed. PUF.
Roussilon, R. (2010). “La dialectique presence-absence: Pour une metapsychologie de la présense”. Tribune Psychanalytique, nº. 9. Presses Cantrales. Lausanne.
Sontag, S.(1993). “Traducida”, en: “Cuestión de Énfasis”. Ed. Alfaguara.
Szwec, G. (2001). “Les galeriens volontaires”. Ed. PUF.
Thouret, D. (2004). “La Parentalité a l’epreuve du développement de l’enfant. Approche Psychanalytique”. Ed. Eres.
Trevarthen, C., et Aitkem, K. (2004). “Intersubjectivité chez le nourisson: recherche, theorie et application clinique”. Revue Devenir Vol. 34-4.
Trevarthen, C. et Gratier, M. (2005). “Voix et musicalité : nature, émotion, relations et culture”, en : Castarede, M et Konopczynski, G. (2005) “Au commencement était la voix”. Ed. Eres.
Tustin, F.(1996). “Le trou noir de la psyché”.Ed. Seuil.
Winnicott, D. (1971). “Realidad y Juego”. Ed. Gedisa.
Woskoboinik, N. (2008). “El circuito de la pulsión en la comprensión de los trastornos del espectro autista. La vida comienza cuando empieza la mirada”. Rev. de Psicoanálisis. Tomo 65. nº. 3.